

07 JUN 2000

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Tão longe, daqui distante

Se é verdade que um bom pedaço dessa raiva toda que as pessoas sentem do governo – notadamente da figura do presidente da República – não pode ser explicada racionalmente, é verdade também que Fernando Henrique Cardoso desenvolve uma estranha relação com os habitantes do país que governa.

Quando está por aqui, se mantém a uma prudente distância de certos emocionalismos tão ao gosto dessa gente tropical. Quando longe, passeando pelo mundo a acentuada diferença que o distancia da maioria, gosta de produzir proximidades. Nessas ocasiões, faz a crítica mais pesada à parcela menos popular da elite e em geral manifesta preocupações de cunho social com um fervor que habitualmente não se vê nele.

Como se assim, a léguas, não corresse o risco de maiores cobranças e comprometimentos. Pode falar, por exemplo, em flexibilizar o ajuste sem que no dia seguinte precise estar explicando ao ministro da Fazenda que foi só força de expressão, seja lá qual for o significado dessa expressão. Provavelmente nenhum.

Vamos ver, desta vez, como desembarca aqui o presidente. Poderá voltar a si e achar que está tudo muito normal ou descer do avião já convencido de que não adianta ficar procurando razões objetivas para explicar que não é bem assim e que o melhor mesmo é render-se à realidade buscando a melhor maneira de lidar com ela.

Se o presidente continuar dando de ombros à irritação ampla, geral e irrestrita, apenas porque muito nela não se justifica pelo caminho da objetividade, vai bater na mesma ponta de faca em que o PT bateu por dois anos, antes de reconhecer que a estabilidade econômica era um fator vital para a sociedade.

A oposição negou evidência inegável, deu-se mal, e até hoje ainda não se recuperou do equívoco. É a tal história: quem entra em discussão negando a realidade, já entra perdedor.

É exato o que ocorre com o Planalto. Aos primeiros e ainda tênues acordes dessa sinfonia, lá pelo segundo ano do primeiro mandato, não faltava quem alertasse para as manifestações algo enjoativas daquela parte da sociedade que dá opinião, forma e firma tendências.

A época, as pesquisas que mostravam os mais pobres em estado de apoio acachapante – parece mentira, mas era coisa de mais de 70% – serviam de contra-argumento e nada de diferente da prioridade popular à manutenção da inflação baixa era aceito como tema de debate.

Houve o susto da crise da mudança da política cambial, mas como o mundo não se acabou como previram economistas e consultorias internacionais, o governo passou a viver da esperança de que à melhoria da economia corresponderia necessariamente a recuperação das boas relações entre presidente e sociedade.

Não é o que se vê. O que leva à conclusão de que o fato de os sinais vitais da economia estarem apontando para cima não quer dizer rigorosamente nada. Até porque, diferentemente de países desenvolvidos, aqui as demandas são tão grandes que as melhorias têm de ser oceânicas para serem percebidas pelo coletivo. É preciso mais que indicadores para as pessoas se sentirem atendidas.

Precisam, pelo menos, notar que alguém está preocupado com elas, senão de alguma forma partem para chamar atenção. Pode estar aí uma tentativa de explicação para os ovos e pauladas que, evidentemente, não vão parar enquanto o alvo principal – o presidente – não for atingido. FH leva, logo, logo um tomate e vai querer fazer disso uma crise institucional, quando não precisa, porque o roteiro está pronto e pode ser mudado se houver disposição e competência para tal.

A situação está de tal ordem que ministros de estado já não se constringem em falar abertamente mal do governo nem de aconselhar alterações de rumo urgentes.

E, pensando bem do ponto de vista de quem vê de fora, não há mesmo motivo para as pesquisas se alterarem favoravelmente a Fernando Henrique. Afinal, se os de dentro, que são amigos, falam mal, por que é mesmo que o cidadão que paga a conta, não se chama João nem mora em Niterói, vai falar bem?